

A memória afro-brasileira no município de Nepomuceno-MG: primeiras impressões

Lucas Guedes Vilas Boas¹

Cristiane Côrtes²

Marina Muniz de Queiroz³

Resumo:

Durante muitos séculos, a cultura afro-brasileira esteve na mira de manifestações preconceituosas. Atos e falas refletem o racismo estrutural vigente no país desde os tempos da escravidão. Considerando tal cenário, o projeto "Trabalho, cultura e tecnologia: a escrivência da memória afro-brasileira no município de Nepomuceno" foi criado com o objetivo de pesquisar os rastros e as manifestações da memória africana e afro-brasileira no município. O projeto foi aprovado como uma ação de extensão do CEFET-MG/Campus Nepomuceno, tendo sido desenvolvido ao longo de dois anos. A pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo, as entrevistas semiestruturadas e a análise documental foram os procedimentos metodológicos empregados. O artigo proposto se ocupará de apresentar como foi o desdobramento da pesquisa e qual a relação da memória dos possíveis quilombos existentes na região e o conceito de escrivências, desenvolvido pela autora Conceição Evaristo. As narrativas coletadas tratam das experiências vividas pela população negra da região e, no entendimento dos pesquisadores envolvidos, contribuíram para a resistência e a preservação da cultura de origem africana no município.

Palavras-chave:

Cultura afro-brasileira. Escrivência. Memória. História. Nepomuceno-MG.

The afro-brazilian memory in Nepomuceno-MG: first impressions

Abstract: For centuries, Afro-Brazilian culture has been a target of prejudiced actions and narratives that reflect the structural racism rooted in Brazilian society since the era of slavery. In response, the project "Work, Culture, and Technology: The Escrivência of Afro-Brazilian Memory in the Municipality of Nepomuceno" was established to explore the traces and expressions of African and

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: lucasguedes@cefetmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3189-0520>.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Pós-doutora em Literatura e Diásporas, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: crisfelipecortes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8296-6666>.

³ Mestra em Estatística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: marinamuniz@cefetmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1239-847X>.

Afro-Brazilian memory in the area. Developed over two years, the project was approved as an extension project with the local community through CEFET-MG/Nepomuceno Campus. The research employed a combination of bibliographic study, fieldwork, semi-structured interviews, and document analysis as its primary methodologies. This article discusses the progression of the research and examines the relationship between the memories of potential quilombos in the region and the concept of *escrevivências*, developed by the writer Conceição Evaristo. The narratives collected focus on the lived experiences of the Black population in the region and, according to the researchers involved, contribute to the resilience and preservation of African cultural heritage within the municipality.

Keywords: Afro-brazilian culture. *Escrevivência*. Memory. History. Nepomuceno-MG.

La memoria afro-brasileña en el municipio de Nepomuceno-MG: primeras impresiones

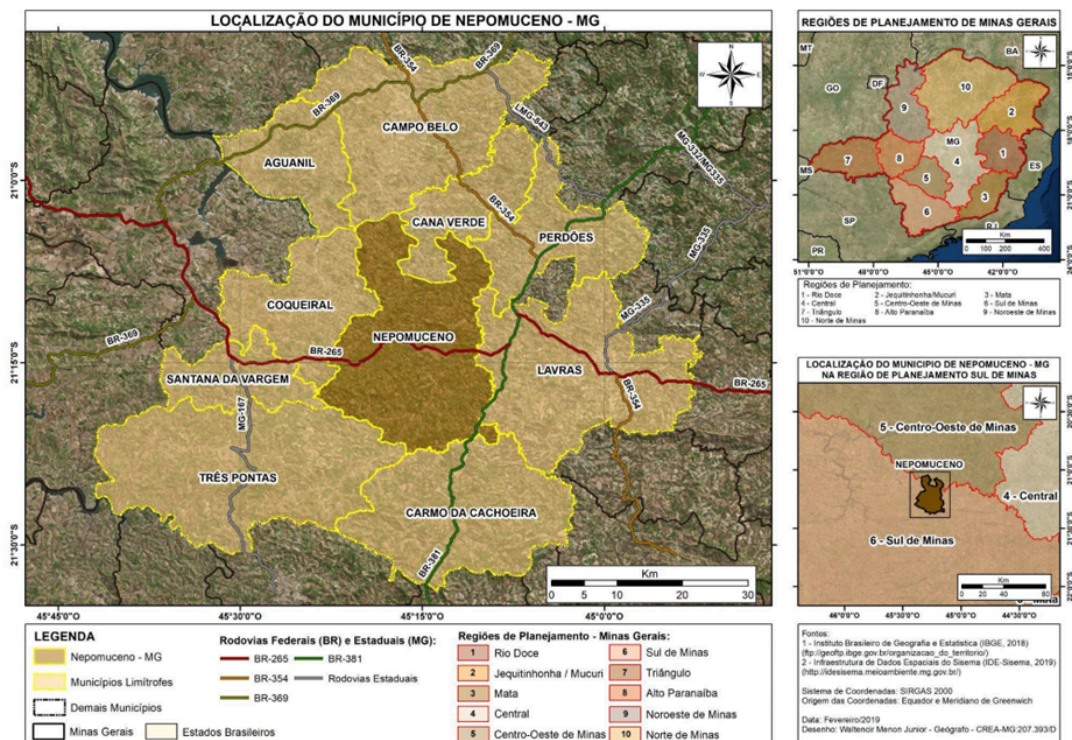
Resumen: Durante muchos siglos, la cultura afrobrasileña estuvo en la mira de manifestaciones prejuiciosas. Actos y palabras reflejan el racismo estructural vigente en el país desde los tiempos de la esclavitud. Considerando tal escenario, el proyecto "Trabajo, cultura y tecnología: la *escrevivencia* de la memoria afrobrasileña en el municipio de Nepomuceno" fue creado con el objetivo de investigar los rastros y las manifestaciones de la memoria africana y afro-brasileña en el municipio. El proyecto fue aprobado como una acción de extensión del CEFET-MG/Campus Nepomuceno, y se desarrolló a lo largo de dos años. La investigación bibliográfica, el trabajo de campo, las entrevistas semiestructuradas y el análisis documental fueron los procedimientos metodológicos empleados. El artículo propuesto se ocupará de presentar cómo fue el desarrollo de la investigación y cuál es la relación entre la memoria de los posibles quilombos existentes en la región y el concepto de *escrevivências*, desarrollado por la autora Conceição Evaristo. Las narrativas recogidas tratan de las experiencias vividas por la población negra de la región y, según los investigadores involucrados, contribuyeron para la resistencia y preservación de la cultura de origen africana en el municipio.

Palabras clave: Cultura afro-brasileña. *Escrevivencia*. Memoria. Historia. Nepomuceno-MG.

1 Introdução

O município de Nepomuceno está localizado na região de planejamento Sul de Minas (FJP, 1992) (Figura 1) e possuía uma população de 25.018 habitantes no ano de 2022, dos quais 3.558 se declararam pretos e 10.184 pardos (IBGE, 2023). Assim, 54,93% da população nepomucenense era afrodescendente no ano em questão. Entretanto, apesar de sua expressiva participação na população absoluta, a cultura e a memória afro-brasileiras são pouco prestigiadas em âmbito municipal.

Figura 1 - Localização do município de Nepomuceno-MG



Fonte: Vilas Boas (2019).

Na transição entre os séculos XIX e XX, a cafeicultura logrou proeminência em terras nepomucenenses, com destaque para a contribuição dos imigrantes italianos vindos do estado de São Paulo. Durante os períodos setecentista e oitocentista, a mão de obra africana foi muito importante para o desenvolvimento da agricultura e, particularmente, da cafeicultura em escala municipal (VILAS BOAS, 2019). No entanto, a despeito da relevância da população negra e afrodescendente na cultura e na economia municipais, bem como em seu contingente populacional, suas representações e manifestações culturais são frequentemente desvalorizadas e depreciadas em Nepomuceno.

Com base na conjuntura apontada, o artigo apresenta os primeiros resultados do projeto de extensão intitulado “Trabalho, cultura e tecnologia: a memória da escrevivência afro-brasileira em Nepomuceno”, aprovado pela Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) no mês de outubro de 2021 e renovado até dezembro de 2023. Isto posto, o objetivo principal é discutir e resgatar os rastros da memória afro-brasileira no município de Nepomuceno-MG. Destarte, buscou-se traçar um histórico sobre a memória afro-brasileira e africana em escala municipal, por meio de relatos, memórias e registros de quilombos, e cultura da população preta do município.

Os registros das memórias coletadas se baseiam no que se pode chamar de Escrevivência. O termo surgiu como desdobramento dos estudos afro-literários realizados na Semana da Consciência Negra do CEFET-MG/Campus Nepomuceno. Com a leitura da obra de Conceição Evaristo, o grupo chegou até o termo que, segundo a autora, diz respeito às vozes coletivas que sua obra representa. A palavra, que hoje pode ser lida como um conceito,

traduz a intenção de registrar acontecimentos, cenas da vida dessas vozes, levando para a escrita o que está no campo da experiência e tornando protagonistas aqueles que foram, por muito tempo, silenciados.

2 Metodologia

O estudo em questão possui caráter qualitativo, uma vez que conferiu ênfase à avaliação detalhada dos temas abrangidos, e buscou valorizar e dar protagonismo aos sujeitos da pesquisa. Entretanto, houve o emprego de dados quantitativos para corroborar com as análises qualitativas, pois o uso de estatísticas pode cooperar para a melhor compreensão das discussões realizadas. Para a concretização da pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, análise documental, trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa bibliográfica abrangeu a leitura e a análise de referências científicas sobre diversos temas, como: o município de Nepomuceno, os quilombos, o conceito de escrevivência, a cultura afro-brasileira e os jogos de tabuleiro de origem africana. Já a análise documental empregou estatísticas e publicações de órgãos oficiais, como o Arquivo Público Mineiro, a Fundação João Pinheiro (FJP) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de fevereiro e outubro de 2022 e entre março e dezembro de 2023. Durante sua efetivação, foram observados importantes eventos de manifestação da cultura afro-brasileira no município de Nepomuceno – como as congadas – além das entrevistas realizadas de maneira semiestruturada com pessoas vinculadas à cultura negra local.

As entrevistas semiestruturadas possuem tópicos predeterminados que norteiam a condução do diálogo. No entanto, a ordem das perguntas pode ser alterada conforme o desenvolvimento do procedimento (GIL, 2002; OLIVEIRA, 2012). Durante o estudo realizado, as entrevistas possibilitaram maior compreensão dos aspectos da memória e da cultura afro-brasileiras presentes no município de Nepomuceno. Os entrevistados puderam relatar sua relação com o trabalho, a exploração nas chamadas “panhas de café” retratando uma realidade que ainda ecoa a cultura escravagista presente no Brasil colonial. Por outro lado, a descrição das relações familiares e os vínculos no ambiente de trabalho entre os pares evidenciaram o afeto e o acolhimento presente. Histórias de casarões assombrados com correntes arrastando pela madrugada também foram recorrentes.

Além disso, foram realizadas oficinas sobre jogos de tabuleiro africanos em escolas do município, onde os alunos participantes foram levados a pensar como os tabuleiros africanos misturam-se com a própria história do continente, surgindo como testemunhos e vestígios das civilizações que habitaram a África. Nesse sentido, os jogos de tabuleiro africanos podem ser utilizados como estratégias metodológicas na escola, permitindo discutir não apenas os aspectos lógicos e matemáticos dos jogos, mas também exemplificar o apreço pelo saber estratégico que caracteriza esse continente.

3 Desenvolvimento

3.1 A questão afro-brasileira

No ano de 2003, foi promulgada a Lei nº 10.639, a qual dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio do país. A legislação mencionada “inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” (BRASIL, 2003).

Tal passo consistiu em importante marco para a preservação e a valorização da memória e da cultura afro-brasileiras. Apesar dos percalços enfrentados para a implementação da temática no processo de ensino-aprendizagem (REIS; CALADO, 2020), o decreto representa um importante avanço para a área. O enaltecimento dos jogos de origem africana e a análise da escrevivência de memória afro-brasileira em Nepomuceno foram dois mecanismos adotados para o estudo da cultura negra e de sua importância para a constituição da sociedade nepomucenense.

3.2 A(s) escrevivência(s)

A palavra escrevivência é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente pode-se compreender do que se trata. O ato de escrever sobre a experiência de vida está em vários textos ligados à literatura contemporânea, entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais. O conceito delinea a aproximação por um lado e distanciamento por outro da realidade transformada em ficção com o objetivo de trazer um diferente olhar para a cena literária habitual em que os estereótipos e os lugares identitários no espaço social estão muito bem demarcados. A escrevivência teria esse duplo papel de releitura ou rasura da história e de reversão do estereótipo que sobrecai sobre as identidades negras (CÔRTEZ, 2018).

É notório que o termo escrevivência passa a ter então uma importância histórica e dialoga intimamente com as dimensões do silêncio às quais o projeto pode atravessar. Isso porque, nas entrelinhas das relações sociais, há um lugar silenciado que as narrativas orais podem perfurar. No caso do texto literário, as intelectuais pretas têm se comprometido com o protagonismo e a revisão histórica, que, nas palavras de Evaristo

buscam na história mal contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais, elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem as suas dores e alegrias íntimas (EVARISTO, 2005, p. 204).

O corpo mutilado está alegoricamente representando uma dimensão do silêncio retratado na dificuldade de projetos, como este aqui mencionado, encontrarem os caminhos,

as tramas e tensões da memória afro-brasileira em regiões que tiveram, por muitos anos, um sistema escravagista que desencadeou uma comunidade em que o racismo se estrutura culturalmente. Há aqui uma falta irreparável no que tange a história de uma cultura negligenciada, pois reverbera a invisibilidade histórica do povo negro no projeto de nação do país.

Outro aporte fundamental para compreender a relação entre o termo desenvolvido por Evaristo e a pesquisa realizada é a importância da oralidade, evidenciada quando a escritora informa de onde vem seu talento:

Creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (EVARISTO, 2007, p. 19).

A base de sua matéria literária estava na oralidade, a autora acessa a língua pela margem e encontra nela uma intensidade que difere daquela considerada culta ou padrão. Ao criar seus próprios métodos de entender a língua e imprimir nela sua experiência, a autora, em muitas de suas narrativas e poemas, cumpre o papel do narrador descrito por Walter Benjamin, pois “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Apesar da análise do filósofo alemão culminar na ausência da figura do narrador com o advento do romance moderno e da morte da experiência, encontramos na obra de Evaristo uma retomada dessa intenção, mesmo ficcionalizada, pois a ideia do narrador é resgatada num intuito de salvar o passado que, por um lado, valoriza a experiência e não a produção técnica e, por outro, tenta encontrar aqueles que, com o processo de produção e mercantilização de tudo o que é experiência, ficaram excluídos.

A escrevivência pode ser lida, portanto, como uma metodologia poética da pesquisa, na medida em que não só dialoga com o objetivo central do projeto, resgata a cultura afro diaspórica da região, como também registra a experiência do corpo negro vivo em Nepomuceno, que protagonizou as histórias ouvidas e registradas pelos pesquisadores envolvidos no projeto.

3.3 A escrevivência da memória afro-brasileira em Nepomuceno-MG

Embora a legislação regulamente o direito às terras indígenas como forma de reparação histórica, até o ano de 2023 não havia qualquer forma de indenização pelos séculos de escravidão e exploração em terras brasileiras. Isoladamente, a abolição da escravatura não foi capaz de promover uma justiça perante a opressão sofrida (CARRIL, 2021). Somente em 20 de novembro de 2023, por meio do decreto nº. 11.786, o qual institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola e o seu Comitê Gestor, o Estado brasileiro instituiu medidas diretamente voltadas aos direitos territoriais e ambientais, à proteção e à conservação do patrimônio cultural material e imaterial das comunidades quilombolas no país (BRASIL, 2023).

A constituição dos quilombos representou uma das principais formas históricas de resistência negra contra a escravidão no Brasil. A diversidade era uma de suas características primordiais, uma vez que variavam bastante em termos de dimensão, duração e proximidade dos centros urbanos (REIS, 1996; CARRIL, 2021).

O principal objetivo da maioria dos quilombolas era a sobrevivência, não o término da escravidão (REIS, 1996). Os territórios quilombolas apresentam estreitos vínculos com a terra, a natureza, o trabalho e a cultura, e possuem distintos modos de organização social. Assim, as comunidades quilombolas são muito plurais e tal diversidade deve ser considerada nas análises e estudos realizados (CARRIL, 2006; 2021). Em função da necessidade de preservação dos recursos naturais, os quilombolas tiveram uma relação preponderantemente harmônica com o meio ambiente, assemelhando-se, portanto, ao modo de vida camponês, no qual a terra é concebida como patrimônio familiar (SHANIN, 1983).

Carril (2021) afirma que muitos quilombos foram formados nas proximidades das fazendas e senzalas, contrariando a ideia de seu isolamento geográfico. Ademais, as singularidades espaço-temporais da constituição dos quilombos repercutiram em características particulares de cada um. Seguindo a tendência observada pela autora, os quilombos dos quais se tem registro em Nepomuceno foram construídos próximos a importantes estabelecimentos agropecuários do município (SALGADO, 2017).

De acordo com Salgado (2017), há evidências e registros de sete quilombos em Nepomuceno, embora seja possível a existência de outros. São eles: o quilombo da Bárbara, o Retiro (Macaúbas), o Quizumba, o Calunga, o Messias (ou do Morembá), o Forquilha e o Bacia. Os dois últimos se configuravam como quilombos-sentinelas do Quilombo do Cascalho situado em Três Pontas, avisando seus membros sobre eventuais acontecimentos, chegada de inimigos, entre outros fatos importantes.

O Quilombo da Bárbara surgiu de um “arraiaá” proveniente da sede da Fazenda da Trumbuca. Lolão, seu último líder, era um guardião da cultura africana, preservando diversas e importantes manifestações, como o batuque, a dança do vilão, o culto banto, o moçambique e o congado (SALGADO, 2017).

O Quilombo do Retiro, também conhecido como Quilombo dos Macaúbas, está localizado próximo à Fazenda do Retiro e à área urbana de Nepomuceno. Já o Quilombo da Quizumba ou Quindumba possivelmente foi originado devido a uma dissidência do Quilombo do Retiro, distando cerca de três quilômetros dele. A tese mais aceita é a de que algumas moradoras do Retiro tiveram filhos com homens brancos e foram obrigadas a deixá-los. Jagunço, um dos membros mais proeminentes do Quilombo da Quizumba, liderou uma importante Congada que levava seu próprio nome (SALGADO, 2017).

Salgado (2017) afirma que nos quilombos de Nepomuceno dançava-se o jongo. O jongo, também chamado de tambor ou caxambu, é uma dança oriunda do Congo e de Angola, vinculada à umbanda, e trazida para o Brasil pelos africanos. Caracterizado pela presença da dança, do canto e dos tambores, o jongo apresenta variações em suas celebrações de acordo com as regiões brasileiras, mas há elementos em comum na prática do jongo nos diferentes quilombos do país, como a umbigada, a disposição das pessoas em roda e a sequência de seus ritos (COSTA; FONSECA, 2019).

Os dados do Recenseamento de 1831/1832 (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1832), sintetizados na Tabela 1, mostram a quantidade de pessoas livres e escravas no então distrito de São João Nepomuceno no biênio em questão.

Tabela 1 - População livre e escrava no distrito de São João Nepomuceno no biênio 1831-1832

População livre	1355 (52,22%)
População escrava	1249 (47,78%)
População escrava de origem africana	644
População escrava crioula	596
População total	2595 (100%)

Fonte: Arquivo Público Mineiro (1832).

O distrito possuía 172 fogos, os quais reuniam 2.595 habitantes. Destes, 1.240 (47,78%) eram escravos, dentre os quais 644 (51,94%) eram de origem africana, ao passo que 596 (48,06%) eram crioulos nascidos no Brasil (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1832). Como no ínterim do recenseamento, a população escrava no Brasil era preta ou parda, pode-se afirmar que quase metade da população nepomucenense possuía origem africana. Tais números podem ser ainda maiores, uma vez que as alforrias não eram raras no país durante os séculos XVIII e XIX. Embora não existam dados específicos para Nepomuceno, Lima (2020) afirma que na transição do século XVIII para o XIX, a maioria dos africanos ou afrodescendentes que morava em Minas Gerais estava livre ou liberta. Sob o ponto de vista financeiro, a alforria era interessante, pois o seu preço era superior ao preço de um escravo.

Assim, evidencia-se a importância histórica da matriz africana na constituição étnica da população nepomucenense. Segundo os dados do último Censo Demográfico do IBGE, mais da metade dos brasileiros se considera preto ou pardo. No âmbito municipal, dentre os 25.018 habitantes recenseados em 2022, 13.742 (54,93% do total) se declararam pretos ou pardos (IBGE, 2023).

Parte do patrimônio histórico afro-brasileiro está contida nas memórias negras presentes nos espaços urbanos, as quais representam significativamente sua resistência (CARRIL; BURGOS, 2020). As manifestações de origem africana exprimem a cultura negra em um município marcado pela hegemonia da cultura branca e eurocêntrica.

A congada (ou congado) é uma expressão cultural e religiosa oriunda da população africana e seus descendentes. Advém do processo de coroação do rei no Congo, do qual deriva o seu nome. Ademais, chegou ao Brasil por meio dos negros trazidos sob a condição de escravos e permanece como importante marca cultural da população afro-brasileira (MARTINS, 1988; LUCAS, 2002; SOARES, 2017). Nos séculos XVIII e XIX, as congadas se disseminaram pelo território brasileiro, mais associadas às danças que visavam aclamar e exaltar os reis congoleses (SOARES, 2017).

A Igreja Católica trouxe ao Brasil o culto a Nossa Senhora do Rosário de Portugal e os negros mesclaram à celebração diversos elementos africanos, como a dança, a música, os instrumentos de percussão e a coroação de reis e rainhas que representam as nações negras africanas (MARTINS, 1988; LUCAS, 2002).

A congada é considerada um importante evento cultural e religioso afro-brasileiro. A mistura da dança, canto e teatro somam-se à celebração de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, santos protetores do povo escravizado no país. Em Nepomuceno, a congada tem uma tradição antiga e, desde sempre, é coordenada pela família do Sr. Foti, morador da cidade que, quase aos 40 anos, ainda está à frente da celebração. O catolicismo marca uma forte presença no município, o que representa, no caso de Nepomuceno, um silenciamento das manifestações religiosas de matriz africana, ficando à cargo do sincretismo a possibilidade de representação do povo negro e suas festas religiosas. O documentário Ruído Branco, produzido pela fotógrafa parceira do projeto em sua última edição, Monique

Olive, traz uma reflexão importante sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário em Nepomuceno, que reúne as guardas de quase uma dezena de cidades da região e está cada vez mais branqueada e o protagonismo da celebração fica a cargo do celebrante católico e não da população negra que sai às ruas com as vestes que nos remetem ao reinado do Congo tocando entre outros, seus ganzás, tambores, pandeiro e cuíca.

Durante a realização das congadas, os espaços ocupados são transformados em territórios da congada, devido aos simbolismos das representações manifestas durante a celebração. No município de Nepomuceno não é diferente, uma vez que elementos e ritos típicos das congadas e não usuais no cotidiano da cidade “invadem” os seus logradouros urbanos, constituindo territorialidades temporárias.

3.4 Os jogos de tabuleiro de origem africana

Os jogos de tabuleiro desempenham um papel importante no estudo da ludicidade no continente africano, evidenciando a preferência de seus povos por padrões geométricos, pensamento estratégico e lógica matemática. Muito da matemática africana foi assimilada pela tradição ocidental sem o devido crédito e reconhecimento (CUNHA, 2019). A ideia de uma matemática centrada na Europa reforça estigmas sobre a África, perpetuando preconceitos e racismo que ainda persistem no Brasil e podem ser identificados também em sala de aula (JUST BLANCO *et al.*, 2018).

Ao considerar os tabuleiros como manifestações culturais, percebe-se que eles revelam um pensamento matemático e lógico intimamente ligado ao cotidiano dos diferentes povos africanos. Alguns tabuleiros simbolizam rebanhos, rotas de guerra, rituais religiosos ou outros aspectos do dia a dia, servindo como uma forma de registro cultural. Os jogos, em sua maioria, não necessitavam de placas pré-fabricadas, pois eram simplesmente riscados ou cavados na terra pelos jogadores. Segundo Cunha (2019), esse conhecimento era preservado no corpo dos jogadores, que carregavam em si, em sua capacidade de reproduzir o conhecimento técnico e estratégico, todos os jogos, todos os tabuleiros, toda a cultura lúdica. Assim, esses jogos, frequentemente preservados e transmitidos por gerações de forma oral, são manifestações de experiências vividas, memórias coletivas e saberes ancestrais que vão além do entretenimento. O jogo dialoga com o conceito de escrevivência por ser a vivência dessa herança intelectual, de uma identidade cultural e de uma memória coletiva. Por isso, a prática desse saber é uma forma de registrar, reescrever (por meio do raciocínio lógico) e valorizar a ancestralidade africana.

Para resgatar essa parte cultural do continente, foram realizadas oficinas em escolas do município de Nepomuceno, nas quais os alunos tiveram a chance de explorar dois jogos tradicionais africanos: mancala e yoté. O jogo de mancala pertence a uma família de jogos de tabuleiro do tipo semeadura, representando, em essência, o trabalho agrícola dos povos africanos. É considerado um dos jogos mais antigos da humanidade (SANTOS, 2008). O yoté, por sua vez, é um jogo estratégico de captura, jogado em um tabuleiro quadriculado semelhante ao de damas, mas com cinco colunas e seis linhas (CUNHA, 2019).

Durante as oficinas, os alunos construíram seus próprios tabuleiros utilizando materiais como papel, canetas, materiais recicláveis e sementes. Após a apresentação das regras e o esclarecimento de dúvidas, os estudantes jogaram entre si, elaborando estratégias para alcançar a vitória nas partidas.

Esse tipo de atividade oferece uma nova perspectiva sobre o uso do raciocínio lógico aplicado à resolução de problemas do dia a dia, as tradições culturais, o uso da geometria na confecção dos tabuleiros e a riqueza da oralidade tradicional africana. Além de valorizar os aspectos matemáticos da cultura africana, essa abordagem cultural promove uma maior conexão dos estudantes negros com essa área do conhecimento, algo que se torna evidente ao longo das oficinas.

4 Considerações finais

A pesquisa pôde ratificar a forte presença da matriz africana no município e sua expressiva importância na composição étnica da população. Além das manifestações culturais mais significativas, como as congadas e a marungada, já presentes no calendário festivo do município, o trabalho de pesquisa, principalmente após as entrevistas, evidenciou também o quanto os quilombos constituídos cooperaram para a sobrevivência, a resistência e a preservação da cultura afro-brasileira e africana no município. Importantes personagens da cultura (negra) nepomucenense são descendentes de pessoas que viveram e auxiliaram na formação dos quilombos.

As escrivências, por meio do discurso oral e das narrativas das experiências de vida, colaboraram para a preservação da história e da cultura afro-brasileira em escala municipal. Os relatos também puderam comprovar a trama da cultura escravagista ainda arraigada nas relações de trabalho do município, pois aprisiona muitas famílias numa condição ainda de subalternidade, com uma perspectiva bem limitada no que diz respeito à mobilidade social. É importante mencionar que o projeto reverberou em outras iniciativas ligadas a movimentos culturais na cidade. Duas delas, a cargo da fotógrafa parceira do projeto em sua última edição, Monique Olive, produziu dois documentários que protagonizaram os sujeitos envolvidos na ação promovida pelo CEFET de Nepomuceno. Uma delas, o documentário *Ruído Branco*, sobre as congadas em Nepomuceno, foi produzido em 2023 e recebeu o prêmio de melhor curta-metragem na categoria Motion Picture. A outra, exibida em comemoração ao 20 de novembro de 2024, é o documentário *Olho de pilão*, produzido a partir da verba disponibilizada pela Lei Federal Paulo Gustavo. O curta apresenta uma narrativa costurada pelas histórias do povo negro de Nepomuceno e evidencia a cultura do cuidado e do afeto presente na tradição oral e delicadamente apresentada pela produção do curta.

Faz-se necessário também ressaltar a importância da escola que pode desempenhar um papel fundamental no reconhecimento, valorização e empoderamento de sujeitos socioculturais marginalizados e historicamente silenciados. Essa responsabilidade envolve o diálogo entre diferentes formas de conhecimento e saberes, bem como a adoção de múltiplas linguagens, estratégias pedagógicas diversas e recursos didáticos. O projeto de extensão realizado é uma demonstração de como diversas áreas do conhecimento podem se unir e dialogar de forma a resgatar a memória afro-brasileira, integrando os alunos a esse processo.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Listas nominativas de habitantes**: 1831-1832. 1832.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 18 dez. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 11.786, de 20 de novembro de 2023**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11786.htm. Acesso em: 12 dez. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra; BURGOS, Rosalina. Espaço público e lugares de memórias negras: (des)encontros entre sujeitos e o patrimônio histórico urbano. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 104, p. 83-102, 2020.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Quilombo, território e geografia. **Agrária**, São Paulo, n. 3, p. 156-171, 2006.

CARRIL, Lourdes. Dimensões dos conflitos territoriais do Brasil: Quilombos e território. **Boletim Alfenense de Geografia**, Alfenas, v. 1, n. 2, p. 24-41, 2021.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Orgs.). **Escrivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 51-60.

COSTA, Rute Ramos da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil. O processo educativo do jongo no Quilombo Machadinho: Oralidade, saber da experiência e identidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, e0182040, p. 1-17, 2019. DOI: 10.1590/es0101-73302019182040.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Mancalas e tabuleiros africanos**: contribuições metodológicas para educação intercultural. Ilustração: Suzana Alfaia da Cunha. Prefácio: Assunção Pureza Amaral. Castanhal, PA: Edição do autor, 2019. 126 p. Disponível em: https://www.laab.pro.br/projeto/publicacoes/LAAB_e-book%20Mancalas%20e%20tabuleiros%20africanos-2019.pdf. Acesso em: 1 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) da dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Diane (Ed.). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

FJP – FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Regiões de planejamento**. 3. ed. Belo Horizonte: FJP, 1992. 41 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Resultados definitivos do censo demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JUST BLANCO, Maria; DE MEDEIROS SILVA, Taciane; TONINI, Isabella Marques; NEDEL OLIVEIRA, Vania Helena. Construindo outras histórias da África e do negro no Brasil: um relato de experiência. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/2595-4377.84470.

LIMA, Douglas. **Libertos, patronos e tabeliães**: a escrita da escravidão e da liberdade em alforrias notariais. Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial, 2020.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário**: O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINS, Saul. **Congado**: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC, 1988.

OLHO DE PILÃO. Produção de Monique Olive. **YouTube**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ettBvERs9uY&t=11s>. Acesso em: 12 dez. 2024.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 14-39, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p14-39.

REIS, Débora dos Santos; CALADO, Maria da Glória. Diálogos possíveis entre educação antirracista e decolonial: vozes insurgentes, pedagogias críticas e a Lei 10.639/03. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. DOI: 10.22456/2595-4377.106177.

RUÍDO BRANCO. Produção de Monique Olive. **YouTube**, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_PeygIrCqT0&t=4s. Acesso em: 12 dez. 2024.

SALGADO, João Amílcar. **Nepomuceno**: síntese histórica. Belo Horizonte: FUMARC, 2017.

SANTOS, Celso José dos. **Jogos africanos e a educação matemática**: semeando com a família Mancala. Maringá: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

SHANIN, Teodor. **La clase incómoda**: Sociología Política del Campesinado en una Sociedad en Desarrollo (Rusia 1910-1923). Madrid: Alianza Editorial, 1983.

SOARES, Dalva Maria. “Muita religião, seu moço!”: entre santos, espíritos, pretos velhos, pombas-gira e nkisis. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 4, n. 8, p. 146-163, 2017.

VILAS BOAS, Lucas Guedes. **A atuação das cooperativas agropecuárias na agricultura familiar do município de Nepomuceno-MG**: integração ao modo de produção capitalista e perda de soberania alimentar. 329 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Contribuições da autoria

Lucas Guedes Vilas Boas: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia e Redação.

Cristiane Côrtes: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia e Redação.

Marina Muniz de Queiroz: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia e Redação.

Data de submissão: 15/12/2024

Data de aceite: 08/04/2025